



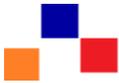
**ENTRE MEMÓRIAS E ESQUECIMENTOS:
10 ANOS DO MeEL E 22 ANOS DE FECUNDA HISTÓRIA COM A UFMT**

Ariagda Moreira (UNIC)

RESUMO: Neste texto – elaborado inicialmente como comunicação oral para o evento de comemoração dos 10 anos de existência do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem – MeEL, do Instituto de Linguagens da Universidade Federal de Mato Grosso –, relato minhas experiências como mestranda. Com tal propósito busquei, motivada, lembranças e esquecimentos de momentos vividos. E, na crença de que se formula, também, identidades individual e social pelas influências externas (componentes primordiais da memória), conforme ensina Jacques Le Goff (1998), é que “revirei” as “vozes mudas” de minhas memórias.

**AMONG MEMORIES AND FORGETFULNESS:
10 YEARS OF MeEL AND 22 YEARS OF FRUITFUL HISTORY WITH UFMT**

ABSTRACT: In this textual exercise – initially prepared as an oral communication for the event celebrating the 10th anniversary of MeEL (Master in Languages – IL/UFMT), I report my experiences while taking my Master’s degree. To do so, I was moved to look for memories and moments I had forgotten. And, by believing that individual and social identities are also formulated by external influences (essential memory components), as taught by Jacques Le Goff (1998), I turned over the "dumb voices" of my memories.



A vida que vivemos conforma histórias e nossas histórias são sempre narrativas boas, ruins, curiosas, prosaicas, imaginárias, reais, expressas, silenciadas, passíveis de serem narradas, grosso modo, de duas formas (gêneros) que se opõem, mas, ao mesmo tempo, justapõem-se: memorialista e autobiográfica. Estas duas formas são desalinhadas porque aquela está, em grande medida, relacionada às exterioridades de determinada etapa da vida do memorialista, enquanto esta se volta para a história de toda a vida, focando-se diretamente nas interioridades do autobiógrafo (TURCHI; FRAIETTA, 2013).

No entanto, os dois gêneros se alinham porque evocam um narrador homodiegético, imerso nas subjetividades do “eu”, que também é “o próprio protagonista – condição que potencializa a parcialidade–, instaura [...] uma espécie de cadeia de ouvintes-leitores com a implicação – e a complicação– do endosso.” (Id., *ibid*, p. 73). Aceitando implicações e complicações em trazer o passado, quase sempre mais explicado do que vivenciado, com gerência moderada das minhas memórias, separo neste texto, alguns fatos que marcaram minha história e a uniram à da Universidade Federal de Mato Grosso, à do Instituto de Linguagens e, mais recente e especialmente, à do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem, nosso MeEL, que, em meados de 2013, celebra seus 10 anos de existência e sucesso.¹

Também exponho um pouco dos sentimentos que experimentei na ocasião (muita ansiedade), e hoje (muita satisfação), nesta escrita que encontra nas suas brechas as narrativas das pessoas com as quais convivi. De todo modo, entre memórias² e emoções, o foco dos enunciados está nos fatos externos, que se traduzem:

¹ O evento comemorativo do décênio do MeEL contou com palestras, relatos de egressos e de docentes mais antigos do Programa, das Áreas de Estudos Literários e Linguísticos, lançamento de livros, além de um coquetel. Foi organizado pela coordenação do Programa, que me fez o convite para estes aprazíveis momentos entre colegas de mestrado e docência.

² De acordo com Le Goff (1998), a memória era, para os gregos, sobrenatural, um dom a ser exercitado. A deusa Mnemosyne, filha de Urano (céu) e de Gaia (a Terra) era uma força primitiva da natureza e guardiã da memória. Mnemosyne teve com Zeus nove filhas, entre elas, Clío, a musa da história. Assim, a história é filha da memória. A memória é filha do céu e da terra, irmã do tempo e do oceano: todas metáforas da infinitude. Mãe das musas protetoras das artes e da história, que permitia aos poetas lembrarem-se do passado e transmiti-lo aos mortais.

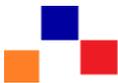


en experiencia consciente, la mirada del escritor se dirige más hacia el ámbito de los hechos externos que al de los interiores. Así, el interés del escritor de memorias se sitúa en el mundo de los acontecimientos externos y busca dejar constancia de los recuerdos *más significativos*. (GUSDORF, 1999, p. 19. Grifo meu).

Por *más significativos* tomo certos aspectos, que poderiam perfeitamente ser narrados por outros vieses, que ficaram de lado, talvez esquecidos. E, nas memórias fixadas, intituladas aqui “Entre memórias e esquecimentos: 10 anos do MeEL e 22 anos de fecunda história com a UFMT”, apresento-me, sem muita formalidade, como uma mineirinha de “Belzonte”, que, desde a infância, brincava de professora com as crianças da Rua Genebra, situada no bairro Nova Suíça. Hoje, adulta – mãe e avó, continuo professorando e sou, ou pelo menos me sinto, também cuiabana. Fixada nesta “cidade verde” de Dom Aquino, atualmente, bem mais cinza e esburacada, fui trilhando, sem muito governo, os caminhos que o desejo de continuar estudando foi desenhando para mim.

Por meio do curso de Letras/Francês (turma de 1989) vi e vivi uma história com o Instituto e, em especial, com o MeEL, assim tratado por quem se sente “íntima”, “filha”, ou no mínimo, com narrativas entrelaçadas. Dentre lembranças expressivas, recordo com desvelo o Sodré, o poeta das rampas do IL, que me apresentou, entre outros, o escritor Orígenes Lessa, seu *Beco da fome*, seu *A noite sem homem*, seu *Feijão e o sonho* e várias outras histórias, enredos, poemas, objetos de constantes pesquisas neste percurso. Agora, não consigo imaginar quantos alunos e professores leram e escreveram pelas ofertas e zelo do poeta com os livros! Nesta cadeia de leitores-escritores, também não concebo o volume de experiências individuais, que conformaram, e ainda conformam a memória coletiva do nosso IL, sempre serpeado por suas rampas.

Tenho saudades dos acadêmicos de então: Maria Helena, amiga inseparável (ainda hoje); Ana Lúcia e Cláudia, irmãs, delicadas colegas do francês; Gerusa, conselheira; Maria Alice, conterrânea cuidadosa. Recordo as



cantinas, os doces, nas horas de aflição, as vitaminas, nos momentos de muito estudo; o livreiro do saguão envozeirado, expondo obras raras e caras, que líamos em doses homeopáticas, entre uma aula e outra, contribuindo, hoje entendo melhor, para minha formação.

Rememoro, fundamentalmente, os mestres que tanto me ensinaram, como: Janete Cerqueira; Maria Luiza Canavarros; Antônio Moraes; Maria Lúcia Paiva dos Santos, a Susuca (forma carinhosa como a professora era tratada); Marie-Annik Bernier; Thérèse Jeanne Piergentili Margotti; Delcinha Pecini Saquetti; Heloisa Tupiná; Roberto Boaventura da Silva Sá; Maria Inês Pagliarini Cox; Mourivaldo Santiago de Almeida (do primeiro orientador nunca esquecemos); Lúcia Helena Vendrúsculo Possari; Mário Cesar Silva Leite, entre outros. Todas estas histórias de vida, entrelaçadas à minha, vão revelando, na medida em que a recrio, pela oralidade e, fundamentalmente, pela escrita, as singularidades das experiências individuais que tomam corpo, tomam consciência, tornando meritória a narrativa de cada um (BOSI, 2003). O curso de Letras da UFMT me marcou e nele eu deixei minhas marcas.

Enquanto o mestrado não vinha, ganhei tempo fazendo o curso de especialização *Português Brasileiro*, coordenado pelo Prof. Mourivaldo. Bom curso. Mas, e as poéticas, as dramaturgias e as narrativas? Continuei esperando a oportunidade de dedicar-me a elas; os estudos literários eram meu propósito.

Em 2003, enfim o MeEL. Tenho vivas ainda as contribuições das conversas com mestrandos – os já “objetados” e os “desobjetados”– (muitos, professores como eu, pessoas inesquecíveis, entre as quais menciono, Adriana, Marta, Everton, João, Nilzanil, Carolina). Embora construídos por tijolos e concreto, as histórias das instituições se constroem, fundamentalmente, por outra matéria, a da trama das diversas histórias de vida de pessoas que nela viveram e vivem. Se não me falha a memória, “mexida e remexida”, já era professora há mais de 10 anos quando entrei no MeEL, na área dos Estudos Literários, compondo a 2ª turma que o Programa formava. Na sala 7 (se não me engano) tive aulas com as professoras Francelli



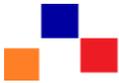
Ap. da Silva Mello, Lúcia Helena Vendrúsculo Possari, Célia Maria Domingues da Rocah Reis, Rhina Landos Martinez Andre, esta, minha especial orientadora na escritura da dissertação e na carreira– uma amiga para a vida. Todos igualmente inesquecíveis pelas lições, conhecimentos, exemplos e oportunidades.

Quando retomo passos já dados, consigo tomar mais consciência de mim mesma, muito porque, neste terreno da memória, em que nada é preciso, um aspecto fica bem definido em minha mente: jamais andei sozinha. O que nos faz inferir que a memória, também, denota a nossa função social (HALBWACHS, 1992). O passado reconstruído não é refúgio, mas uma fonte, um manancial de motivos para perseverar. Neste sentido, a memória deixa de ter um caráter de restauração e passa a ser memória geradora de futuro (BOSI, 2002, p. 66).

De volta à minha história, em relação a cursar um mestrado, eu ansiava por contribuir com a melhoria do ensino superior – onde atuava há 12 anos num curso de Letras, com as disciplinas *Literaturas Portuguesa e Brasileira* e *Teoria da Literatura* – e para isto precisava de formação mais consolidada, porém, que não me obrigasse a deixar Cuiabá. Neste propósito, o MeEL foi definidor não apenas para mim, como para tantos outros professores, no atendimento da grande demanda que havia na região, de “filhos” ou não da UFMT, que não podiam afastar-se de familiares e trabalho.

Já no MeEL, como os desafios são permanentes em nossas vidas, precisei adequar meu projeto de pesquisa à linha de orientação da Profa. Rhina, recém-chegada do seu doutorado na USP. Fui sua primeira orientanda e, por este e outros motivos, pude aproveitar sua “explosão” de conhecimentos, competência e dedicação à Literatura Espanhola e Hispano-americana. O projeto que definimos para o trabalho propôs um diálogo entre duas obras e culturas diferentes: a novela lessiana, *Beco da fome* (1978) e a obra testemunhal *Canción de Rachel* (1986), do cubano Miguel Barnet.

Minha incursão pela Literatura Hispânica foi motivada e fundamentada pelas provocações/ensinamentos da Profa. Rhina, que ao final do exame de



qualificação, levaram-me a encarar um Programa de doutoramento em Cuba e, com ele, a escritura de uma tese em língua espanhola. Hoje, compreendo que só foi possível levar a cabo o doutorado, porque tive no mestrado uma orientadora que deu direção diversa ao projeto inicial que apresentei no mestrado. É assim que, o passado interpretado, faz-nos também perceber que cada história liga-se às necessidades e situações próprias, nas quais os acontecimentos têm ressonância ampla no futuro (LE GOFF, 1998).

Como foi mencionado, estes fatos poderiam ser contados de outra maneira, mas na (des)orientação das minhas lembranças optei por seguir mais ou menos a cronologia das experiências, receando que, de outra forma, eu poderia divagar demais. Esta possibilidade fascinante de não dizer o que poderia ter sido dito, apontam prováveis vertentes que reforçam:

o caráter inelutavelmente seletivo da narrativa [*memorialista*] [...] As estratégias do esquecimento enxertam-se diretamente nesse trabalho de configuração: pode-se sempre narrar de outro modo, suprimindo, deslocando as ênfases, refigurando diferentemente os protagonistas da ação assim como os contornos dela. (RICOEUR, 2007, p. 455. Grifo meu).

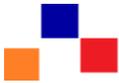
A pesquisa que realizei no mestrado resultou na dissertação *Suspiros Eróticos e Lamentos: faces da violência em dois corpos femininos prostituídos – um estudo literário de Beco da fome e Canción de Rachel*”, estudo desenvolvido em curto espaço de tempo. Ainda que nós (eu e a Prof. Rhina) não tivéssemos o estudo comparatista como fundamento central, o objeto de pesquisa – corpos femininos prostituídos – não seria possível desenvolvê-la sem tocar em semelhanças e, principalmente, diferenças entre as protagonistas das obras (Isaura, a lessiana, e Rachel, a barnetiana). Neste propósito, ir a Cuba defender meu projeto de doutoramento, no final da escritura da dissertação, representou um produtivo divisor de águas na escritura de minha tese, na qual me dediquei à obra de Orígenes Lessa – *Prostitución, erotismo y marginalidad en la narrativa de Orígenes Lessa*, concluída em 2008, e que foi orientada pelo Prof. Dr. Ordenel Herédia Rojas e pela Profa. Dra Marilys Marrero Fernández.



Como em todas as recordações, as que tenho deste período e de outros que vivi, permitem imprecisões, quase sempre ordinárias; aqui, elas dão o tom confessional e reforçam a importância do relato, também dúbio, das outras vozes desta sociedade. Aqui, no lugar das memórias, as ambiguidades trabalham como um fio, cozendo a trama das vidas, promovendo a renovação do imaginário, pois falar e escrever sobre o passado não é uma atividade inocente. Ela está ligada a uma oscilação interpessoal e de instituições sociais – a família, a classe social, a escola, a profissão, a religião, o partido político – de pertencimento da pessoa (HALBWACHS, 1992). Todos estes aspectos corroboram para o estabelecimento de relações mais diretas com o leitor, que às vezes titubeia entre aceitar e refutar palavras escritas, assim fixadas, na orientação de que:

cada hombre es importante para el mundo, cada vida y cada muerte; el testimonio que cada uno da de si mismo enriquece el patrimonio común de la cultura [...] La recapitulación de las etapas de la existencia, de los paisajes y de los encuentros, me obliga a situar lo que yo soy en la perspectiva de lo que he sido. (GUSDORF, 1998, p.10-13).

Assim, o retorno ao passado é, de acordo com Gusdorf, a ratificação do presente e o delineamento do futuro, em oscilações que fazem com que esta tríade temporal fique, de algum modo, sempre em contato. Nesta perspectiva, toda memória tem como ponto de partida um sentido. Isso significa que, “para que haja memória, é preciso que o acontecimento ou o saber registrado saia da indiferença, que ele deixe o domínio da insignificância” (DAVALLON, 1999, p. 25). De todo modo, a peculiaridade do pensamento individual se origina de suas relações com o pensamento coletivo. Em síntese, a memória individual se nutre coletiva. Lembramos e esquecemos como membros de grupos e conforme os lugares que neles ocupamos ou deixamos de ocupar (HALBWACHS, 1992). Meu espaço na história do MeEL está fixada, ao lado de tantas outras, porque juntos constituímos o grupo; somos, em medidas singulares, o Mestrado em Linguagens neste e em muitos outros prósperos decênios.



Finalmente, talvez, por ter consciência de sua mortalidade todos nós buscamos meios de não cairmos no esquecimento. Muito por conta deste momento precioso, entre tantos outros precisos para cada pessoa do MeEL, pesquisadores e iniciantes, docentes e alunos, lembramos e celebramos, no segundo semestre deste ano, os dez anos deste Programa. Em geral, esquecemo-nos que uma Instituição é “tramada” por pessoas; são suas narrativas –únicas – que inscrevem os organismos em espaços e tempos precisos e preciosos, como estes registros do nosso Programa. Ação que transformou a minha vida e a de tantos outros; mudou positiva e definitivamente, os contornos da Educação em Mato Grosso.

Referências

BOSI, Eclea. **O tempo vivo da memória:** ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

DAVALLON, Jean. “A imagem, uma arte de memória?” In: ACHARD, Pierre et al. **Papel da memória.** Campinas, SP: Pontes, 1999.

GUSDORF, Georges. “Condiciones y límites de la autobiografía.” In: LOUREIRO, Angel. **Suplementos Anthropos.** La Autobiografía y sus problemas teóricos. Barcelona, n. 29, dez. 1992.

HALBWACHS, Maurice. **Memória coletiva.** Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 1992.

LE GOFF, Jacques. “Memória”. In: **História e Memória.** Campinas: Ed. UNICAMP, 1998.

RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento.** Tradução Alain François et al. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

TURCHI, Maria Zaira; FRAIETTA, Eugênia. **Crime ou luta?** O autoengano e a memória perversa. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

Recebido em 10/07/2013.

Aceito em 20/09/2013.

Ariagda Moreira

Doutora em Ciências Literárias pela UCLV (Universidad Central Marta Abreu de Las Villas / Cuba – UFBA / Brasil). É professora de Literatura Portuguesa e Brasileira e



Teoria Literária há 20 anos. Pesquisadora do GPLET – Grupo de Pesquisa em Linguagens, Educação e Tecnologias do curso de Letras / Espanhol da UNIC.
E-mail: ariagda@hotmail.com